

PAULO FREIRE E O DIÁLOGO MULTICULTURAL

Coelho, Edgar Pereira¹

Paulo Freire tornou-se cidadão do mundo pelas suas inúmeras “andarrilhagens”, pela capacidade que tinha de dialogar com os homens e mulheres por onde esteve e chegou através de seus escritos. Queremos demonstrar algumas facetas do seu diálogo pela causa do oprimido e algumas tentativas de reinvenção de seu legado. Na segunda parte, uma breve análise da sua relação com os camaradas de Guiné-Bissau.

Para efetivarmos esta idéia, buscamos nas obras de Paulo Freire, dentre tantas categorias, alguns aspectos de duas que consideramos essenciais – no tocante a educar, promover e emancipar – a categoria do diálogo e a do oprimido. Não sei se ele as denominaria “categorias”, mas optamos por essa nomenclatura por perceber que:

1º) o diálogo foi mais do que um instrumento da comunicação humana, constituindo-se em verdadeira categoria de Razão Dialético-dialógica;

2º) o oprimido, mais do que uma denotação ontológica do ente, foi para ele uma categoria histórica designativa de um ator, de um sujeito, que assim se comporta, ou que assim é configurado pelos contextos de opressão.

Optamos pelo “diálogo”, por ser ele essencial na práxis freiriana. Escolhemos, também a categoria “oprimido”, por ser ela, igualmente, uma

¹ Doutorando em Filosofia da Educação pela USP. Professor de filosofia da Educação do CES/JF e membro IPF – Brasil.

centralidade nas obras de Paulo Freire, desde os primórdios de sua história pessoal e intelectual. Não há, realmente, sequer uma obra dele, que não passe pelo diálogo permanente; como há, em todas elas uma preocupação reiterativa com os menosprezados do mundo.

Possivelmente o oprimido revele o eixo central de toda a sua obra e seja realmente a grande questão, vivenciada por ele no pré-exílio, a partir da experiência pessoal que, ainda na infância, experimentou a fome, mas que, contudo, não se sucumbiu ao fatalismo, nem cultivou a mágoa provocada pelo sofrimento, transformando-a em matéria prima de sua leitura crítica de mundo. No exílio, com maior consciência, ele sentiu, na carne, a dureza de ser arrancado de sua própria pátria, muito embora fosse desafiante "começar de novo". Uma história foi construída e reconstruída, com os homens e mulheres do Chile, dos Estados Unidos, da Suíça, da África etc. Um oprimido se libertando, na trincheira do oprimido, com o oprimido, volta ao próprio torrão natal com a certeza e a clareza epistemológicas de que todo o aprendizado o levava a um desafio mais novo ainda: o de que era preciso "reaprender o Brasil". O seu pós-exílio foi marcado por conexões de todos os matizes, sem nunca ter perdido a essência da luta primeira. Os que ele chamou de antagônicos, até hoje ainda combatem as suas idéias, tudo porque ele colocou o oprimido no palco do mundo, não apenas como objeto de estudo ou da solidariedade alheia, mas como protagonista. Ninguém melhor do que o oprimido, para saber o que é a opressão e uma vida no abandono e, portanto, ter a competência para a busca dos caminhos de sua própria libertação.

Pelo que percebemos com a releitura do livro *Pedagogia do oprimido* (2000), os opressores, aparentemente generosos, distorcem o sentido mais profundo de uma pedagogia dialógica² e libertadora, por partirem de interesses individualistas, desumanizando a pessoa, tornando-a um objeto aderido a seu "dono", sem criatividade e possibilidades de autonomia. Estamos convencidos com o que Paulo Freire aponta como caminho para a superação desta situação.

² Romão desenvolve este tema em seu livro *Pedagogia dialógica*, (2002).

O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, p. 41).

Pensando assim, há uma relação entre ensinar e libertar, uma vez que não aprendemos nada isoladamente, mas, no relacionamento com os outros. Não podemos, da mesma forma, libertar o outro, pois, agindo desse modo, não haveria libertação, considerando que ela ocorre apenas pela iniciativa do libertado. Da mesma forma, somente ensinamos, na medida em que somos capazes de aprender. E isso ocorre somente quando ambos os atores do processo – educador e educando – fazem a passagem de uma consciência alienada para uma consciência crítica.³ Neste caso, a função de quem quer trabalhar nesta linha é a de um esforço na direção da escuta e do diálogo permanentes, para que o próprio sujeito se perceba na condição de oprimido e comece a desejar a mudança. O mecanismo alienador pode ser ilustrado com o que acontece quando damos esmola a um mendigo; aí, até ficamos com a "consciência aliviada", mas contribuímos pouco ou quase nada para a sua libertação; quando, não, na verdade, implementamos sua permanência na situação de oprimido e, ao mesmo tempo, em nossa posição, também alienada, em outro nível. "Ninguém pode ser, autenticamente, proibindo que os outros sejam" (ibid. p. 75).

É fundamental que nosso trabalho se desenvolva na direção de uma busca permanente, no sentido de estimular e facilitar o outro a ser sujeito de sua própria história.

A partir do momento em que o oprimido e a superação da relação opressiva se tornaram o âmago das preocupações de Paulo Freire, ganhava expressão a sua posição inarredável em prol de um permanente diálogo. A prova disso é que ele passou a se corresponder ou a escrever, com inúmeros outros autores do mundo, sempre de uma maneira dialógica. Muitos de seus livros foram

³ Paulo Freire desenvolve esta tese em *Educação como prática da liberdade*, (2000, p. 47).

construídos nessa modalidade.⁴ Certamente utilizou também um gravador, o que viabilizou, mesmo após a sua passagem por este mundo, continuarem seus livros sendo publicados. Por estas e tantas outras razões, dialogava incessantemente com todos seus interlocutores/leitores por meio de seus livros, de livros-epístola e de infindáveis correspondências.

A sensação que temos, é que toda a sua obra significou e significa um diálogo amoroso com o ser humano de qualquer parte do Planeta. Se não o fora, tornou-se geradora do próprio diálogo, pela intrigante inquietude que vem provocando em pessoas e nas instituições.

Somente muito depois da morte de Paulo Freire é que começamos a entender que a sua insistência na reinvenção de seu legado não era mera declaração subjetiva de modéstia, mas uma verdadeira clareza epistemológica.⁵ De fato, as idéias dos grandes mestres somente têm valor científico e político, quando são reinterpretadas em cada contexto. O seu amor à vida, ao ser humano e à causa do oprimido tem nos dado inspiração para irmos adiante e, quem sabe, reinventá-lo sem contradizê-lo, voltando nossos olhares para a direção em que sempre ele dirigiu o seu, dando continuidade ao seu legado.

Não há espaço nas suas obras, nem o havia em seus projetos, para super-homens, nem para donos do saber, auto-suficientes. Seu legado é, sobretudo, uma proposta de inclusão do ser humano em uma vida sem pré-conceitos; e viver não é meramente sobreviver, mas ter atitudes constantes de inclusão de todos os seres humanos, sem oprimi-los. Seu legado também se constrói sobre o diálogo e "ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não *sloganizar*. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade" (FREIRE, 1980: 43). Ser dialógico é estar, inclusive, aberto para entrar no mundo daquele que se opõe às nossas idéias, embora ele tenha afirmado, clara e objetivamente, que devemos combater os antagônicos. "A tolerância não era o que deve ser: a virtude

⁴ Para exemplificar: FREIRE; MACEDO, (2002). FREIRE; SHOR, (1987). FREIRE; GUIMARÃES, (1987). GADOTTI; FREIRE; GUIMARÃES, (2000). TORRES. (1979). FREIRE; FAUNDEZ (1998).

⁵ Romão tem reiterado que a "leitura de mundo do oprimido por ele mesmo não é apenas uma questão de simpatia, solidariedade ou identidade política como os esfarrapados do mundo" – e o é, também – mas um princípio de desvendamento da verdade do mundo.

revolucionária que consiste na convivência com os diferentes para que se possa melhor lutar contra os antagônicos" (FREIRE, 1997a: 39).

A partir da reflexão sobre suas teorias e práticas, no sonho de reinventá-lo, passamos a nos integrar a um grupo que se denomina "Paradigmas do Oprimido". Ao mesmo tempo, que se reúne, presencial e sistematicamente, está também organizado virtualmente com subgrupos em vários lugares do mundo. Este grupo está incorporado à "Cátedra do Oprimido" que, por sua vez, faz parte da UNIFREIRE⁶. Trata-se de um grupo interdisciplinar, com pessoas que representam os diversos campos do conhecimento humano.

Inicialmente, formamos quatro subgrupos, que se organizaram como "círculos de cultura", cada um com sua temática específica: Civilização e Sociedade do Oprimido; Ciência e Tecnologia do Oprimido; Cultura, Ética e Estética do Oprimido e Educação e Pedagogia do Oprimido. Existem outras aglutinações que estão se formando, como o da Saúde do Oprimido, Música do Oprimido, Comunicação do Oprimido etc. A questão básica é: partindo do que você pensou e sistematizou, verificarmos que quem faz civilização, educação, pedagogia, cultura, ética, estética etc. – e vem se confirmando em nossas discussões, reuniões, congressos e outras atividades –, quem, realmente, constrói, em todos os níveis, é mesmo o oprimido; o opressor se apropria e coloca sua chancela, o seu nome, no que resultou do talento, do suor e do sangue do oprimido. Assim, de acordo com o discurso opressor, a humanidade evoluiu até os dias atuais graças às suas próprias criações. O grupo Paradigmas do Oprimido trabalha no sentido de demonstrar a hipótese contrária, reinventando uma das mais importantes categorias do pensamento de Paulo Freire: o protagonismo, como sujeito coletivo, dos oprimidos.

⁶ *Universitas* Paulo Freire (UNIFREIRE) foi criada em Bolonha, no ano 2000, por época da realização do II Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, que tem ocorrido de dois em dois anos, após o distanciamento dele de nosso mundo. Ela é um movimento; não, uma instituição e volta-se para o desenvolvimento de um esforço no sentido de a instituição Universidade recuperar, no seu interior, a hegemonia da universalidade em lugar do corporativismo, que a tem dominado ao longo de sua trajetória histórica. A UNIFREIRE comporta a constituição de cátedras livres, cátedras permanentes, planos, programas e projetos de pesquisa e de intervenção, com atividades presenciais ou virtuais, buscando sempre socializar o conhecimento, ao invés de privatizá-lo.

Romão, em texto apresentado em congressos e fóruns internacionais, “*A Civilização do Oprimido*”, afirma que:

Neste sentido, devemos ir atrás, da ciência do oprimido, da música do oprimido, da literatura do oprimido etc., não apenas por generosidade e compromisso político com os "esfarrapados do mundo", mas, também, por clarividência epistemológica e necessidade ontológica de realização de nossa humanidade (2003, p. 22).

Na medida que nosso intento é a realização de diversos "círculos de cultura", temos nos perguntado: – Quem é o oprimido? Até o ponto em que chegamos das discussões, a pessoa oprimida é aquela que, em circunstâncias históricas específicas, está à margem, que é deixada de lado, enfim, tem sua humanidade ameaçada ou negada.

É na relação de opressão entre os humanos, que surgem as pessoas e os grupos oprimidos, em decorrência da quebra das relações dialógicas e da ética. A sociedade tornou-se intolerante, afastando de si o que ela mesma gerou. Sem voz, sem vez, sem teto e sem terra, espalhados pelo mundo, oprimidos são, portanto, as pessoas que não se reconhecem enquanto sujeitos históricos, relacionais, dialéticos, capazes de construir autonomamente a sua história. Eles necessitam consorciar-se com outros para não perderem de vista suas utopias.

O oprimido é aquele que se encontra numa situação de poder ser menos. Ele é como um "objeto sem valor", invisível, negado pela sociedade – assim ele se sente. Algumas vezes, inconscientemente, é induzido à condição de oprimido, por tráficos ou imposições ideológicas, em determinados contextos, que os favorecem, gerando, nele, a própria auto-alienação. Em suma, o oprimido/a não é um ente, um ser ontologicamente determinado, mas uma construção humana na História.

Como grupo, temos nos perguntado: – Existiria uma sociedade do oprimido? Muitos são os mecanismos que conduzem à opressão, destacando-se dentre eles, o não respeito à cultura do outro, a intolerância, a negação do diferente. As experiências culturais de nossa história são marcadas pela apropriação, opressão e exploração do homem pelo homem. O oprimido e opressor são, portanto, sujeitos antagônicos, que se encontram numa situação

dialética de poder – um querendo transformar o outro em objeto. Quando um exerce esta relação de poder sobre o outro, desumaniza-se ao desumanizar o outro, pela reificação de ambos.

Nesta mesma linha de pensamento e práticas, realizamos inúmeros "Círculos de Cultura", nas diversas áreas do conhecimento, com a preocupação de colocar, no centro do debate, o protagonismo do oprimido. Para exemplificar, tomamos a experiência realizada no campo da psicologia, debatendo com acadêmicos e educadores da área. Alguns deles afirmaram que só é oprimido quem se deixa oprimir. Trata-se, inicialmente, de uma opressão psicológica, do indivíduo para ele mesmo, disseram. Permite-se, ou não, a opressão. As palavras geradoras extraídas do círculo de cultura realizado demonstraram que essas idéias eram as mais recorrentes naquele grupo de psicólogos e futuros psicólogos. Oprimido, para eles, é uma pessoa presa, que sofre pressão, reprimida, acuada, que se angustia, sufocada. No diálogo estabelecido nas atividades do círculo, o grupo concluiu que o conhecimento da opressão inicia o processo de "desopressão" ou de libertação, o que, ao mesmo tempo, gera angústia, desconforto, mas, também, crescimento.

Para alguns que trabalham a área de Psicologia, a opressão é inerente ao ser humano, portanto, ontológica, independentemente das relações histórico-sociais, como uma espécie de parte constitutiva inata da estrutura (abstrata) psicológica do ser humano. No debate levado a efeito, ficou clara a posição diferente dos membros do grupo Paradigmas do Oprimido, na proporção em que explicitavam a opressão como fenômeno histórico – necessário e contingente – e os protagonistas dessa relação, também, como atores históricos. Pareceu aos membros dos Paradigmas do Oprimido que a tendência à "ontologização" ou "naturalização" da relação de opressão tem sido comum no universo das pessoas que trabalham a área de saúde, na perspectiva do paradigma médico-psicanalítico.

O pensamento burguês – talvez, também, o hegemônico de outras épocas – é que opõe liberdade e determinação histórica. Os inseridos no universo da epistemologia crítica consideramos que a consciência da determinação histórica é

o primeiro passo para sua superação. Foi por esta via que Paulo Freire incorporou e aplicou o princípio do “inédito viável”, que buscou em Álvaro Vieira Pinto.

Refletindo ainda, sobre diálogo e opressão, relembramos as palavras de Paulo Freire que afirmam: "Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais" (op. cit. 2000, p. 81).

Mesmo refletindo “ontologicamente”, ele acabou desenvolvendo uma teoria do ser humano historicizado, na medida em que o concebeu como incompleto, inconcluso e inacabado. Certamente por isso, sua aceitação, nos meios acadêmicos sofreu e sofre resistências, porque aí predomina a ontologização do pensamento filosófico. Segundo sua teoria, fomos lançados neste mundo para torná-lo melhor e para sermos mais, ou seja, somos “mundializados” numa condição inicial e, processualmente, temos de nos tornar humanos. Ora se o ser humano, como os demais seres da natureza, não é plenamente dado, mas emerso no Cosmos como incompleto, inconcluso e inacabado – e ainda marcado pela singularidade em relação aos outros seres por sua consciência sobre essas características – e, portanto, em processo de autoplenuificação, autoconclusão e auto-acabamento, duas de suas faculdades “essenciais”, ou melhor, singulares, são a capacidade de dialogar e de ter esperança.

Nesse sentido, os escritos de Paulo Freire nos estimulam à confiança no outro, em uma relação de transparência dialógica. Sua proposta de diálogo leva, necessariamente, a uma postura esperançosa, a partir de uma concepção de esperança ativa, não confundida com a espera. Por isso, esta verdadeira “cultura dialógica” é, ao mesmo tempo, uma “cultura da paz”, que diz “não!” ao terror, à guerra ou a qualquer forma de violência. Sua fala, neste sentido, foi se tornando cada vez mais contundente.

Não aceito, porém, em nome de nada, ações terroristas, pois que delas resultam a morte de inocentes e a insegurança de seres humanos. O terrorismo nega o que venho chamando de *ética universal* do ser humano. Estou com os árabes na luta por seus direitos mas não pude aceitar a malvadez do ato terrorista nas Olimpíadas de Munique (FREIRE, 1997b, p. 16).

Por nada deste mundo ele aceitou a violência, o terrorismo, onde os inocentes morreram e morrem pela ausência de diálogo. Porém, o mundo continua, infelizmente, a assistir ao terror e a tantos conflitos que vão se multiplicando pelo Planeta. Em 11 de setembro de 2001, foram derrubadas as torres gêmeas em Nova York, símbolo do poderio do capital, gerando uma grande guerra, do “Império” contra o Iraque e que deixará, sem dúvida, acesa uma chama do ódio – artefato contrário ao diálogo e alimentador da permanência desse estado degradante dos povos em guerra. No dia 11 de março de 2004, curiosamente no mesmo dia 11, ocorreu mais um atentado, desta vez, na Espanha, matando cerca de 290 pessoas. Tudo porque ainda não se instalou o verdadeiro diálogo, contrário ao fundamentalismo das nações.

No processo de humanização, sua proposta de um diálogo permanente forja, ao mesmo tempo, um sujeito caminhante, fazendo uma passagem da ingenuidade para a criticidade, de oprimido para libertando/libertador. "Somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo (FREIRE, 2000, p. 83). Por meio do diálogo com as massas, nasce a humanização e se constrói uma educação libertadora, não imposta e não domesticadora. Na escala de importância, o diálogo em sua obra, é como afirmamos anteriormente, ponto fundante e primordial, comparado ao ar que respiramos. Somente o diálogo será também gerador de vida e de possibilidades de novos tempos, novos ares e de mais humanização, de homens e mulheres livres, engajados na vida e pela vida. Sem o diálogo em todos os segmentos da sociedade, o Planeta não se sustenta e nós, seres humanos, permaneceremos no risco de extinção de nossa espécie, tão inteligente, tão “superior,” mas carregada de potencialidades autodestrutivas, ou seja antidialógicas.

A Proposta de Paulo Freire com a criação dos Círculos de Cultura que, na verdade, foi sempre além dos métodos educacionais tradicionais, revelando uma concepção de mundo, objetivando substituir a aula bancária, já partia, desde o seu nascedouro, até pela organização circular, para a facilitação e provocação do diálogo – um momento de se denunciar aquilo que impede a humanização e

realização do humano. Aí, constrói-se o lugar de aprendizado mútuo e de permanente diálogo. Trata-se, portanto, de uma proposta dialógica; a educação bancária, “depositante”, em que o mestre sabe e ensina ao aprendiz inverte seu sentido proposto pelo círculo de cultura para o antidiálogo, o que é uma perversão da proposta de trabalho que ele criou e que vem sendo testada em várias partes do mundo.

Tanto para quem ensina como para quem aprende, é preciso estar disponível ao diálogo – atitude que deve ser permanente –, ou nossos projetos e relações conhecerão, bem cedo, o fracasso. Não podia ser diferente, na reconstrução de sua *Pedagogia do oprimido*, em um momento de grande esperança, pela mesma forma, ele dava realce ao permanente diálogo.

O diálogo, na verdade, não pode ser responsabilizado pelo uso distorcido que dele se faça. Por sua pura imitação ou por sua caricatura. O diálogo não pode converter-se num "bate-papo" desobrigado que marche ao gosto do acaso entre professor ou professora e educando (FREIRE, 1997c, p. 118).

A partir de agora explicitaremos o diálogo de Paulo Freire com os guineenses, quando ele coloca em prática toda a sua proposta de trabalho, com o objetivo de colaborar no processo de libertação daquele povo africano.

Cartas à Guiné-bissau, um livro que indubitavelmente nos leva a parar de tergiversar e ir ao centro, ao coração do pensamento de Paulo Freire, que possivelmente serviu a ele de fio condutor para todas as outras obras construídas posteriormente. Poderíamos denominar esse livro de gênero híbrido, pois a sua primeira parte se serve a um longo relatório de trabalhos que foram realizados e que ainda se realizariam em Bissau. A segunda parte, é composta por cartas a Mário Cabral, sendo 11 dirigidas a ele e 6 à equipe. Trata-se, sobretudo de um minucioso relatório, lugar de desenvolvimento de suas principais idéias, em uma linguagem simples, desvelando já de início os seus propósitos de não levar nada pronto aos guineenses. Na proposta de uma ajuda verdadeira, onde os envolvidos se ajudem mutuamente, em um esforço comum, conhecendo a realidade

opressora, para melhor transformá-la. Não se tratava, portanto de transposições de experiências anteriores. Era uma maneira de se colocar em prática o ser dialógico que ele era.

A ajuda de Paulo Freire não poderia ser invasora, nem colonizadora, portanto, tem início com um pedido por parte do Governo de Guiné-Bissau e a sua resposta e de sua equipe se dão a partir de alguns propósitos e “certezas” “Guiné-Bissau não parte de zero, mas de suas fontes culturais e históricas, de algo de bem seu, da alma mesma de seu povo, que a violência colonialista não pôde matar” (FREIRE, 1977, p. 16). O trabalho da equipe partiria da organização dos camaradas e de suas necessidades, não levaria nada pronto. Primeiro eles se organizariam a partir de suas necessidades e a equipe seria uma ajuda lateral, no fazer junto, no fazer com e não sobre. Assim tudo começou. A proposta de trabalho seria de tal maneira, que não gerasse dependências de um grupo sobre o outro. Paulo Freire e sua equipe, não iriam a Bissau para transplantar experiências, mas para um processo coletivo de reinvenções, na superação do analfabetismo que era alarmante naquele país, massacrado pelo colonizador e pela guerra.

Ao escrever o livro que hoje denominamos “livro-epístola”, aos guineenses, ao mesmo tempo que escrevia à Comissão de Educação ou a Mário Cabral, escrevia simultaneamente aos leitores e leitoras de seus escritos, ou seja no nosso entender ele já tinha noção de que estava escrevendo para o mundo.

A começar pela introdução do livro ele já deixa clara a idéia de que o processo de aprendizagem não deve se dar por mera transferência de conhecimento e que, o educando deve ser o sujeito do ato de aprender, não se trata, portanto, de um processo mágico, mas de uma situação, onde algo é problematizado, ensinado e aprendido. “O educador deve ser um inventor e um re-inventor constante desses meios e desses caminhos com os quais facilite mais e mais a problematização do objeto a ser desvelado e finalmente apreendido pelos educandos” (ibid., p. 18). Esta, era a sua proposta de trabalho com os camaradas de Guiné-Bissau.

Era chegada a hora de um experimento de seu método ou de suas concepções de educação, o que pudemos testemunhar de antemão, foi a eficácia dos seus trabalhos, testemunhada em correspondências posteriores, de camaradas daquela região para Paulo Freire. Inúmeros Círculos de Cultura foram realizados, tanto no sentido de alfabetizar adultos, quanto para a formação de quadro de futuros alfabetizadores.

O que a observação da prática nos Círculos de Cultura revelou é que, apesar dos desacertos, os seus participantes, alfabetizados e animadores, se achavam engajados num trabalho preponderantemente criador. Em algo mais que simplesmente aprender e ensinar a ler e a escrever. E isto é que era fundamental (Ibid., p. 32).

É importante observar, que ele e a equipe no trabalho de alfabetização de adultos, já estavam atentos a uma articulação com os diversos setores do governo, no sentido de se conseguir para o futuro um processo permanente e mais abrangente de alfabetização, daí a preocupação de fazer ligações entre agricultura, saúde e educação. Na mesma linha os esforços realizados para uma ajuda importante dos meios de comunicação existentes lá em Bissau, como rádio, jornal, televisão e outros.

Ele e Elza exercitavam a escuta sobre o que foi a experiência daquele povo, na triste realidade da guerra e do pós guerra, dos seus assombros, medos, e das conquistas. Em meio à labuta cotidiana, curtiam uma certa saudade do seu povo. Apoiando a libertação de outros povos, sonhava em poder voltar ao seu país, o que não estaria tão distante, pois, já era inverno de 1976.

Em Genebra, juntamente com a equipe, continuavam as discussões das inúmeras escutas e do que fora visualizado, o que possibilitava, quando solicitado, a construção de material de apoio, que só seria utilizado após aprovação da comissão de educação de Bissau.

No Post scriptum, neste livro, aproximadamente um ano depois de sua estada em Bissau, ele já podia avaliar alguns aspectos do trabalho que realizou

juntamente com a equipe do IDAC,⁷ do Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas, do PAIGC e o Governo de Bissau. Evitar a todo custo as dicotomias entre educação e produção, jamais poderiam ser separados. Alfabetização e trabalho deveriam caminhar juntos.

Uma sociedade que sonha com ir se tornando, no desenvolvimento de seu processo, uma sociedade de trabalhadores, não pode deixar de ter, no trabalho livre, na produção do socialmente útil, uma fonte fundamental de formação do homem novo e da mulher nova, coincidentes com tal sociedade (Ibid., p. 72).

O que importava era que se percebesse o novo que estava acontecendo com o povo e principalmente com a juventude. “Sua juventude, a pouco e pouco, vai deixando de ‘consumir’ letras, de memorizar a geografia e a história da metrópole para ir tendo, no trabalho, a fonte de seu estudo” (ibid., p.73).

O que se percebe é que na primeira fase dos trabalhos de reconstrução de Guiné-Bissau o acento maior foi na alfabetização de adultos e uma maior tomada de consciência, dos camaradas de Bissau. Uma espécie de saída da consciência inconsciente para a sobriedade da situação. Havia muita gente aderida ao colonizador, inclusive um grande número de professores que eram militares e que aos poucos foram sendo substituídos pelos que adquiriam uma nova consciência da necessidade de libertação do povo, pelo povo.

A segunda fase foi também marcada pela alfabetização, sobretudo, pela produção, o que só foi possível devido à compreensão do quanto era fundamental o trabalho coletivo em todos os níveis, na busca de superação de um passado tenebroso e desumano.

Os mais jovens que iam se alfabetizando, aprendendo a ler o mundo, tornavam-se animadores dos Círculos de Cultura, às vezes, tendo como formação apenas a terceira ou quarta série primária. Pouco a pouco essa experiência foi se multiplicando por inúmeras comunidades. Uma das cidades onde ocorreu esse fenômeno em maior número foi Sedengal. “Quem não descobriu o valor do coletivo dificilmente encontra sentido para ficar em Sedengal”, palavras de um

⁷ Instituto de Ação Cultural.

deles numa reunião da população com membros da Comissão Coordenadora.” (ibid., p.77)

O saber-se sabendo das coisas e a possibilidade de se continuar aprendendo e ensinando, sem dicotomias, foi um grande salto de qualidade na vida dos guineenses. Exemplos como o que se segue, não é para ser transplantado, mas aprendido por quem deseja ensinar/aprender, em qualquer tempo da vida. “Nós não sabíamos que sabíamos. Agora, não só sabemos que sabíamos, mas sabemos que podemos saber mais”. (ibid., p. 78). Palavras de um dos camaradas de Sedengal, após um longo trabalho envolvendo os grupos que experimentaram os Círculos de Cultura, que aprenderam a importância de se fazer a leitura de mundo, do engajamento comunitário para a superação das peripécias do cotidiano.

A pergunta que Sérgio Guimarães fez a Mário Cabral, nos ajuda a entender se as cartas de Paulo Freire foram ou não reais.

SÉRGIO – Você recebeu alguma dessas cartas pelo correio? Ou não era carta, carta mesmo?

MÁRIO – Algumas sim. Eu não as tenho agora, porque a minha vida tem mudado muito, mas a minha esposa certamente tem muitas cartas que nós recebemos de Paulo Freire. E outras foram também eventualmente trabalhadas em função das nossas conversas. Mas ele sempre procurava mandar cartas. Aliás, antes de qualquer outra missão, havia sempre uma proposta de como continuar no diálogo, nos trabalhos que nós estávamos a fazer. (op.cit. p. 166).

Assim sendo, podemos constatar, que as correspondências de Paulo Freire realmente se deram, não se tratando apenas de um recurso ao gênero literário epistolar. Na primeira delas ele afirma ter recebido uma carta de uma pessoa ligada ao movimento de alfabetização de adultos de Bissau e a partir daí se iniciou o diálogo com Mário Cabral, que é convidado a vir a Genebra, para que começassem as conversas, o que se confirma em carta posterior onde ele confirma a ida de Mário Cabral a Genebra. Na segunda carta ele acusa o recebimento de uma carta de Mário Cabral, que confirma o interesse do Governo de Bissau, no apoio da equipe e nela ele adianta que a equipe não estaria fazendo

nenhum projeto a ser aplicado em Bissau, pois o mesmo deveria ser construído pelos camaradas de Bissau.

“É, pois, como camaradas, conversando sempre francamente com camaradas, que nos dispomos, com humildade, a iniciar a nossa colaboração ao Governo da Guiné-Bissau, através, sobretudo, do Comissariado de Educação e Cultura (FREIRE, 1977, p. 95).

As cartas vão uma a uma revelando os progressos das visitas e apoios, afirmando e reafirmando o propósito de que as experiências não devem ser transplantadas, mas sempre reinventadas. Nelas vai se confirmando o apreço de Paulo Freire pelos ideais e pela obra de Amílcar Cabral. “Quanto mais re-estudarmos a obra teórica de Amílcar Cabral, expressão de sua prática na prática de seu povo, tanto mais nos convencemos de que a ela teremos sempre de voltar” (ibid., p. 97). Assim cada passo dos trabalhos, era informado registrado por mais uma correspondência, que em alguns momentos não aguardava respostas e lá se ia uma outra carta com novas informações.

A carta, cuja cópia lhe envio, é uma das várias que estaremos encaminhando à equipe de Bissau. Embora reconheça o trabalho enorme de vocês, seria, contudo, formidável se a equipe pudesse acelerar os estudos sobre o manual do animador e se dedicasse a fundo à preparação do material, objeto da carta em anexo (Ibid., p.106).

Veja, que já naquele tempo Paulo Freire implementava uma educação à distância, pelas cartas e relatórios, ele orientava para os trabalhos futuros, o que funcionava e dava eficientes resultados.

Das 17 cartas seis foram encaminhadas para a equipe de trabalho lá em Bissau, para os camaradas Mônica, Edna e Paulo. As primeiras cartas eram para Mário Cabral. A partir do momento que se formou equipes de trabalho em Bissau, as cartas, hora eram endereçadas a Mário Cabral, ora à equipe. Nas Cartas enviadas havia sempre uma referência de questões anteriores, ligadas a Mário Cabral ou à equipe. As cartas à equipe, eram na maioria construídas com longas orientações, por isso eram cartas mais extensas. Algumas eram orientações sobre

o método de trabalho, relativas às palavras geradoras, codificação, etc. Além de orientações, as cartas serviram também para que ele mantivesse uma constante ligação com os camaradas de Bissau e estivesse sempre informado do andamento dos trabalhos, entre uma ida e outra por lá. Ao escrever à Camarada Teresa Mônica e a outros Camaradas, demonstrava a sua sofreguidão ou ansiedade com a proximidade de uma nova visita. Percebemos também que suas cartas eram respondidas por eles. “Acabo de receber sua carta e me apresso em escrever-lhe algo, mesmo que estejamos às vésperas de nossa próxima visita a Guiné, quando, espero, poderemos discutir, em equipe, os pontos a que você se refere, de maneira, talvez, mais aprofundada” (ibid., p. 141).

Em vários momentos, ele tinha a preocupação de deixar clara qual era a sua intenção fundamental, no seu trabalho de apoio aos guineenses.

Uma intenção fundamental me move toda vez que escrevo aos camaradas, ora cartas menos longas, ora mais extensas – a de provocar em mim, enquanto as escrevo, nos camaradas, em quanto as leiam, uma reflexão crítica em torno de problemas concretos que estamos todos enfrentando na fascinante experiência que é o esforço de reconstrução do país (ibid. p. 147).

Ditas todas essas coisas, não nos receamos em afirmar que as *Cartas à Guiné-Bissau*, foram as experiências que mais se aproximaram das utopias de Paulo Freire, no que concerne ao seu doce gosto de escrever a partir da práxis, no calor da luta, no fazer histórico do povo. O diálogo praticado.

Ao finalizar a análise desta sua obra, possivelmente uma das mais importantes de suas construções, nos sentimos persuadidos a dizer que ao escrevê-la, aos guineenses, a escrevia ao mundo, pois não há dúvidas, de que se tratava de uma obra aberta aos seres humanos do planeta, poderia ou poderá ser utilizada para apoio e recuperação de qualquer país do mundo, sem se transplantar experiências. Ao mesmo tempo, que orienta, mostra, no fazer das coisas.

Bibliografia

- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo : Cortez, 1998.
- _____. *À Sombra desta Mangueira*. 5ª ed. São Paulo: Olho d'água, 2003.
- _____. *Ação Cultural para a Liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- _____. *Cartas a Cristina*. São Paulo : Paz e Terra, 1994.
- _____. *Cartas à Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1997.
- _____. *Conscientização*. Teoria e Prática da Libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.
- _____. *Educação Atualidade Brasileira*. São Paulo : Cortez, 2001.
- _____. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez, 1995.
- _____. *Para trabalhar com o povo*. São Paulo: Centro de Capacitação da Juventude (CCJ). 1992.
- _____. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1997a.
- _____. *Pedagogia da Esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 1997b.
- _____. *Pedagogia da Indignação*. São Paulo: Ed. Unesp, 1997c.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *Teoria e Prática em Educação Popular*. Petrópolis : Vozes, 1999.
- _____. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- _____. GUIMARÃES, Sérgio. *Aprendendo com a própria história*. v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. GUIMARÃES, Sérgio. *Aprendendo com a própria história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- _____. GUIMARÃES, Sérgio. *A África ensinando a gente*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- _____. FAUNDEZ, Antonio. *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.
- _____. SHOR, Ira. *Medo e Ousadia*. O Cotidiano do professor. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

____. MACEDO, Donaldo. *Alfabetização. Leitura do mundo, leitura da palavra*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, Moacir. *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo : Scipione, 1989.

____. *Boniteza de um Sonho*. Ensinar-e-aprender com sentido. Rio Grande do Sul: Feevale, 2003.

____. *História das Idéias Pedagógicas*. São Paulo: Ática, 2001.

____. *Paulo Freire/Uma Bibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996.

____. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Peirópolis, 2000.

____. *Os Mestres de Rousseau*. São Paulo: Cortez, 2004.

ROMÃO, José Eustáquio. *Dialética da diferença*. São Paulo : Cortez, 2000.

____. *Pedagogia dialógica*. São Paulo : Cortez/IPF, 2002.